

A ideia de *Morte* no Movimento Punk brasileiro do início dos anos 80: uma análise de capas de discos e letras de músicas

Luiz Eduardo de Jesus Fleury

O objeto desse breve texto é compreender como que o movimento punk²⁹ brasileiro no início dos anos 80 do século XX – para ser mais objetivo entre meados de 1982 até meados de 1988 – representava e dava um entendimento sobre a morte, onde o meio de observar essa representação dar-se-á por análise de alguns discos (lançados originalmente na forma de vinil, tamanho de 12” e rotação 33 *rpm*, produzidos de forma independente e/ou lançado por pequenas gravadoras), sendo alguns desses, na forma de coletânea ou apenas com uma só banda que compõe o vinil. E também através da análise de algumas letras de músicas desses mesmos discos, enfatizar a temática da morte perante ao movimento.

Esse trabalho não tem como intuito aprofundar sobre o tema *Punk*, nem mesmo sobre a musicalidade ou quaisquer elementos constituidores da *aura*³⁰ do Punk. A abordagem ficará a cargo de se observar / analisar como as capas de alguns discos e de algumas letras constituem a percepção da morte perante o movimento, lógico que dentro de uma especificidade do Punk no Brasil (eis aqui um elemento que mostra o poder de adequação do movimento Punk à realidade de cada parte do mundo onde ele se desenvolve, sempre criticando, sempre demonstrando sua ação anti-conformista ao sistema. Porém as relações com as questões mundiais deve ser observada na construção desse imaginário Punk).

No decorrer da década de 1980, foram lançadas várias coletâneas – como *Grito Suburbano* em 1982 pela Punk Rock Discos, *Contra Ataque* pela gravadora Ataque Frontal e *Ronda Alternativa* pela gravadora Devil Discos, sendo essas duas últimas

²⁹ Definir conceitualmente o que é o Punk é uma tarefa árdua. Essa palavra de origem inglesa tem sua tradução literal como algo do tipo: “vagabundo”, “delinquente” ou “inútil”, sendo que o uso da palavra para designar esse movimento sócio/cultural/musical foi inicialmente feito pelo crítico *Lester Bags* na revista *Creem*, porém o uso da palavra no sentido que se popularizaria, como movimento, foi o jovem *Legs McNeil* quem montou com seu amigo e também ilustrador *John Holmstrom*, o *fanzine* Punk. Interessante a declaração de *Legs* que afirmou não ter lido a revista *Creem*, mas ambos usaram o termo quase que simultaneamente. Outra vertente defende a ideia de que com a produção do *fanzine* *Sniffin’ Glue* nos EUA por Mark Perry, teria iniciado o movimento, porque estaria mais ligada à filosofia “do it yourself” (faça você mesmo) elemento implícito ao Punk. Mas não é essa a discussão desse trabalho.

³⁰ Utilizo aqui o conceito de *aura* na ótica de Walter Benjamin em seu livro “A obra de arte na era da reprodutibilidade técnica” lançado em 1935, onde o autor analisa as alterações provocadas pelas novas técnicas de produção artística na esfera da cultura, e desenvolve como elemento principal, a tese na qual a reprodutibilidade técnica provoca a superação da *aura* pela obra de arte.

lançadas no ano de 1988 – além de inúmeros álbuns de bandas Punks que estavam fora do eixo de São Paulo (que é um dos epicentros do movimento Punk no Brasil), como são os casos das bandas, *Os Replicantes*, do Rio Grande do Sul, lançaram o disco “Histórias de sexo e violência” no ano de 1987 pela gravadora Plug, *Detrito Federal*, de Brasília, com o disco “Vítimas do milagre” lançado também em 1987 pela PolyGram discos – e um caso interessante que foi no ano de 1986 o lançamento pela gravadora Devil Discos do Split³¹ “*Ataque as hordas do poder*” com as bandas *BSB-H* e *Stuhlzapfchen von “N”*, ambas de Brasília. Dessa forma seria impossível trabalhar todas essas bandas nesse trabalho, logo houve uma necessidade de fazer uma seleção de alguns materiais que serão abordados na temática a seguir.

Morte. O peso que essa palavra carrega desde que o homem habita o mundo é um fardo que o atormenta (ou conforta) os homens em suas relações sociais, mentais, religiosas e até econômicas (se nascer já tem seus custos, morrer também os custos são altos).

As diversas formas que se imagina a morte – até mesmo na representação das artes – tem gerado o medo, o receio, o temor, até expectativas de salvação ou condenação da humanidade³². O interessante é que o movimento Punk consegue trazer uma preocupação e uma nova visão da morte que se agrega ao contexto mundial que norteava o mundo nesse recorte temporal que faz parte do trabalho. Vivia-se no âmbito histórico em que na questão historiográfica estava ocorrendo mais uma crise de paradigmas, que se vinha passando desde os anos 60, que coincidentemente também enquadra-se o início da crise da Guerra Fria (que tem seu final com o fim da antiga União das Repúblicas Socialista Soviéticas – URSS, em 1991), sendo que é justamente na temática da Guerra Fria que vou verticalizar para relacionar com os aspectos desse *imaginário da morte no movimento Punk brasileiro*.

A proliferação das armas nucleares, os conflitos (guerras que utilizaram armamentos químicos e nucleares), a criação de usinas nucleares, o medo de uma 3ª *Guerra Mundial* servirá de inspiração para que o movimento Punk brasileiro integre-se

³¹ *Split* é uma palavra oriunda da língua inglesa, que significa: partir, fragmentar, dividir. Split era uma das formas de lançar material fonográfico bastante comum de ser vista nesse momento – tanto no Brasil como no Mundo da cena Punk – devido, entre outras coisas, baratear os custos, poucas músicas que às vezes não caberia para preencher um vinil de 12”, e até mesmo poder apresentar mais bandas em um mesmo registro fonográfico.

³² Nesse trabalho não utilizei os conceitos dicotômicos ligados ao tema morte, conforme bastante explorados no texto “*Corpo e alma*” de Jean Claude Schmitt, como: corpo e alma, vida e morte, doença e sanidade, e nem mesmo o sentido religioso agregado a morte, que também usa termos bem característicos como: ressurreição, “carne” e milagre por exemplos, nossa análise é sob outro olhar.

a essa internacionalização através de uma linguagem, que se manifesta contra valores/regras/padrões estabelecidos pela sociedade burguesa. Somado a isso, tínhamos a evidência da crise do governo militar instaurado no Brasil desde 1964, crise essa que ocasionava um alto índice de desemprego, inflação e manifestações sociais, onde a juventude de São Paulo – cidade essa com sua essência cosmopolita – fertilizará o movimento Punk no Brasil.

Sendo que esse trabalho se preocupará com a análise da linguagem escrita e visual (não na maneira de se vestir dos punks) da representação da morte no Punk brasileiro no início dos anos 80 através das capas de alguns dos primeiros discos e bandas Punk, é necessário resgatar a origem desse material fonográfico. O primeiro registro de gravações das bandas punks no Brasil veio com lançamento em Agosto de 1977, pela revista *Pop*, através de um pedido da gravadora Polygram, a coletânea “A Revista Pop Apresenta o Punk Rock”, que contava com as bandas *Sex Pistols*, *Ramones*, *London*, *The Jam*, *Ultravox*, *Stinky Toys* e *Eddie and the Hotrods*. Assim chegava a sonoridade Punk ao Brasil.

Jovens do subúrbio paulista é que entenderam essa mensagem e daí pra frente, a produção do Punk viria a aparecer: bandas como *Restos de Nada*, *Cólera*, *Lixomania*, *Olho Seco*, *Condutores de Cadáveres*, *Verminose*, *Fogo Cruzado* e *Psykóze*. Outra forma de manifestação era através dos fanzines como: *Factor Zero*, *SP Punk* e *Vix Punk*, shows como *Grito Suburbano* em 1981 (que ocorria de forma itinerante). Além disso, o festival que se tornaria o evento, para muitos, o marco que colocaria o Brasil no cenário Punk mundial, o festival “Começo do fim do mundo”, organizado no SESC Pompeia em novembro de 1982, que contou com a participação de 20 bandas, dois dias de sua realização, teve um final bastante negativo sendo que o final do festival a Polícia Militar do Estado de São Paulo invade, acabando com o evento e a grande mídia deturpou o evento e o movimento que acabara de semear suas primeiras sementes.

Felizmente apesar de que esses acontecimentos poderiam ter provocado um sepultamento do movimento Punk no Brasil, ocorreu justamente o contrário. Essas repressões serviram para acabar gerando mais resistências e ocasionando um maior número de produções Punks (seja através de bandas, fanzines ou manifestações) em diversas partes do Brasil, além de São Paulo.

Mas muitas pedras ainda iriam rolar dentro e fora desse movimento, tanto no Brasil como no mundo nessa década de 80. Nesse contexto, mesmo com todas as precariedades, era necessário registrar esses momentos. Mesmo sem estúdios que

soubessem trabalhar com essa sonoridade, jovens que não tinham formação musical (ou mesmo não sabiam tocar nada) e, sobretudo a falta de dinheiro, seria superado e os primeiros registros fonográficos apareceriam nesse momento.

Começo então a análise de algumas dessas primeiras gravações / registros das bandas punks do Brasil, com a coletânea “*Começo do fim do mundo*”. Dentre vinte bandas que participaram tocando no evento, apenas 19 apareceram no registro (a vigésima banda, *Ulster*, só teria seu registro, no relançamento desse material em forma de CD, isso mais de vinte anos depois do evento ocorrido). O título do disco já demonstra uma preocupação

dos punks com o momento que o mundo passava, diria que não é algo niilista mas a maneira que o movimento *enxergava* os medos ocasionados pela Guerra Fria / repressão policial / censura / que o mundo e o Brasil passavam. Percebe-se aqui que a morte é analisada não como fruto de doenças, fruto de algo religioso escatológico –



Imagem 1 - Capa do disco *O Começo do Fim do Mundo*, 1982.

mas nas temáticas das letras pode se perceber preocupações com a morte relacionada à religião, conflitos internos de países latino americanos e concepção política, como é o caso das letras das músicas “*Salvem El Salvador*” da banda *Inocentes*, “*Holocausto*” da banda *Extermínio* e “*Carecas*” da banda *Neuróticos*. A grande questão que relevo desse material é a consciência que o movimento já demonstra às diversas faces nas quais a morte se apresentava naquele momento, sobrepondo-se a preocupação com a morte do cotidiano urbano, a violência urbana, ligada à marginalização social.

A banda paulistana *Olho Seco* lança originalmente na forma de *Split* com a banda *Brigada do Ódio* em 1983 de forma independente, esse disco que tornar-se-ia uma das maiores referências do movimento Punk brasileiro, por utilizar-se da poética na construção de suas letras. *Botas, Fuzis e Capacetes*, título do disco,



Figura 2 - Capa do disco *Botas, Fuzis e Capacetes* da banda *Olho Seco*, 1983.

preocupação (e crítica) com as desgraças ocasionadas pelas guerras e as sequelas deixadas pelas mesmas (não há nenhuma referência específica de alguma guerra ocorrida na história do século XX nesse disco, porém ao mesmo tempo critica todas as guerras ocorridas nesse contexto, e, sobretudo, as mortes e as consequências dessas mesmas guerras).

E perceptível na ênfase, tanto nos elementos constituidores da capa do disco como na letra da música que dá o título do disco, de advertir a humanidade das desgraçadas que as guerras fizeram e farão:

Botas, fuzis, capacetes
Vejo espalhados por
Toda montanha sol, vento e chuva
Aquecendo dia e noite
Noite e dia
Refrão:
Botas que não marcham
Fuzis que não atiram
Capacetes que não protegem
Somente o vento gelado
Aquecendo naquela montanha
Milhares de troféus.

Ainda na temática específica das guerras / movimento Punk / morte, é lançada em 1985, pela gravadora *Ataque Frontal* (selo este de propriedade de Redson³³ vocalista

³³ Redson na realidade era apelido de *Edson Lopes Pozzi*. Ele se tornaria uma figura ímpar no movimento Punk no final dos anos 70, pois juntamente com seu irmão, Pierre, montaram a banda *Cólera*, que se tornaria uma das mais expressivas bandas do cenário Punk nacional e com expressivo reconhecimento

e guitarrista da banda *Cólera* – que será analisado um dos seus álbuns no decorrer desse trabalho), a coletânea *Ataque Sonoro*. Contaram com a participação de dez bandas, sendo que cada banda participou com duas músicas. Nessa temática *morte* já ficava evidenciada na capa que, de forma bem objetiva, demonstrava qual seria o “futuro” da humanidade.



Figura 3 – Capa do disco (coletânea) *Ataque Sonoro* de 1985.

Fica evidenciado, pela imagem da capa do disco, como a morte pairava em todo o mundo, e sob qual forma ela (a morte) estava travestida, onde, de forma indistinta, qualquer um e em qualquer lugar e a qualquer momento poderia ser surpreendido por um ataque bélico nuclear das superpotências da época (os símbolos utilizados nos mísseis mostram quem eram as superpotências: Estados Unidos da América e antiga União das Repúblicas Socialistas Soviéticas ou URSS). E somado a questão, numa linguagem bem objetiva, boa parte das letras das músicas das bandas que estavam na coletânea diziam, expressavam como seria o final da humanidade no final do século XX. Como várias bandas que faziam parte da produção da coletânea, seria desgastante analisar todas as letras. No entanto, há um destaque para a banda *Lobotomia* com a música “Faces da morte”:

Gritos de pânico
Tomados pelo medo
Sentindo no ar
As faces da morte
Corpos corroídos
De humanos retalhados

internacional, devido sua postura pró-pacifismo e sempre mantendo a filosofia “Do it yourself” (faça você mesmo): lançando seus materiais de forma independente e também organizando seus shows evitando intermediadores que pudessem lucrar com o nome da banda. Sua morte, em setembro de 2011, aos 49 anos, chocou toda comunidade Punk brasileira e até internacional, devido ao seu legado de lutas e ações em prol do movimento Punk brasileiro.

A foice da morte
Reinando na terra

Faces da morte (4x)

A morte marchando
Entre monstros humanos
Faces deformadas
De mentes vazias
Olhos alucinados
Procurando a vida
Perdida no inferno
Da última guerra

Faces da morte (4x)

A construção dessa letra além de mostrar o temor com a guerra e as diversas formas no qual o ser humano “sente”, enxerga e vê a chegada da morte, também é possível ver como o imaginário criado sobre a morte acaba por se manifestar em símbolos/instrumentos/vestimentas, através de elementos como: a foice, os corpos retalhados e os olhos alucinados.

Nessa mesma coletânea ainda destaco a banda *Epermogramix* com a letra da música “Bombas do futuro”, que além de evidenciar a questão da morte, faz um jogo interessante de passado/futuro (que faz lembrar o livro *Passado Futuro* de Reinhart Koselleck), não que houvesse uma preocupação de tempo histórico ou historiográfica no movimento Punk, mas de forma simples a relação dos fatos do presente e suas consequências futuras. Vejamos a letra:

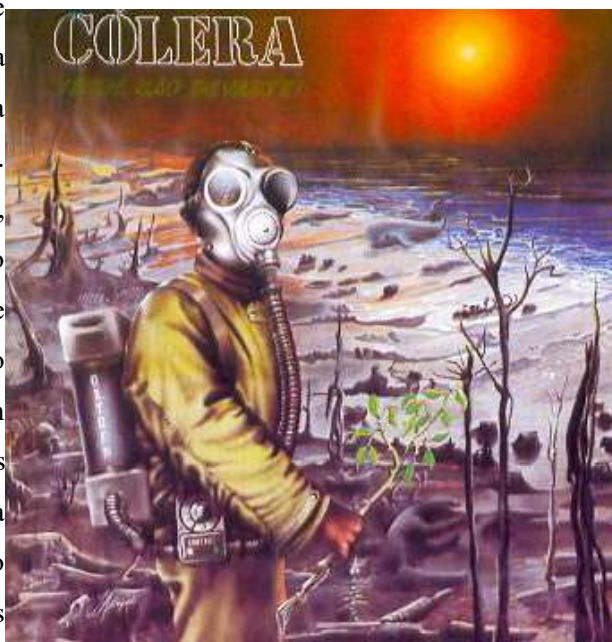
As bombas do passado refletem angústia e dor
E as bombas do passado o que vem refletir?
E a humanidade está pouco importando
Como o que acontece com a Terra e o Oceano
Não pode ser assim não podemos desistir
Que as bombas do futuro já estão aqui.
A HUMANIDADE TEM É QUE LUTAR
PARA IMPEDIR A GUERRA NUCLEAR (Refrão)

Ainda nessa mesma coletânea, outras bandas também retrataram essa temática da morte, com destaque para: *Ratos de Porão* com a música “Cérebros atômicos”, *Armagedom* com a música “Mortos de fome” e *Desordeiros* com a música “Holocausto”.

Interessante perceber que devido ao movimento Punk ter uma preocupação com o presente e com o futuro da humanidade, questões ligadas ao passado da humanidade, marcado por desgraças, são constantemente relatadas em muitas músicas, onde é comum se falar de uma ação antifascista e/ou mesmo não deixar cair no

esquecimento os ideais de perseguição aos grupos étnicos raciais perseguidos pelos regimes de extrema direita que assolaram a Europa nas décadas de 20, 30 e 40 do século XX, e que ainda “sobrevivem” ainda nos dias atuais.

O destaque nesse momento será agora a banda *Cólera*, primeira banda brasileira a fazer uma *tour* na Europa em 1987. Surgida em 1979 em São Paulo, com os irmãos Redson e Pierre, o *Cólera* até hoje (2013), encontra-se na ativa – mesmo após a morte do guitarrista e vocalista Redson em 2011. Sempre levantando em suas letras e nos discursos uma bandeira pacifista - mesmo com os rumos do movimento Punk, ainda nos anos



80, que verticalizou-se com as brigas de gangues Punks e a

Figura 4 – Capa do disco Verde, não devaste! Da banda *Cólera* (1989).

violência – as letras vão enaltecer a necessidade de preservar princípios da paz e a preservação da natureza (vejamos que a capa do disco em destaque: “*Verde não devaste*”, fica explícito a necessidade da preservação da natureza para a sobrevivência humana – interessante perceber que a temática natureza não era tão focada até aquele momento no movimento Punk nacional e nem internacional), a amizade e o respeito mútuo. Dessa forma a banda levantaria a necessidade de sempre *estar ativo* (exercer um papel de militância conscientemente), produzindo, protestando, agindo, pensando criticamente, em prol de que o indivíduo não morra – não fisicamente, mas em termos de atitude – de forma que algumas letras da banda mostram essa preocupação com a atividade mental. Vejamos a letra da música *funcionários* que retrata bem o que está sendo exposto:

Toque um hino que rime!
 Com a hora, hora, hora
 De gritar, de negar!
 Ao diabo os fascistas!
 Deixe sua cabeça funcionar! [4x]
 Para quem você trabalha?
 Para quem você entrega?

Seu suor, sua alma
 Temos que mudar, mudar!
 Deixe sua cabeça funcionar! [4x]
 [solo]
 Para quem você trabalha?
 Para quem você entrega?
 Seu suor, sua alma
 Temos que mudar, mudar!
 Deixe sua cabeça funcionar! [4x]



Figura 5 – Capa do disco *Crucificados pelo Sistema* da banda Ratos de Porão publicado em 1984.

uma das bandas mais conhecidas do cenário Punk veio com seu som mais rápido que o convencional que se tinha na época. Antes da gravação do seu *debut* álbum *Crucificados pelo sistema*³⁴ lançado em 1984 pela *New Face Records* (de propriedade de Fábio R. Sampaio, vocalista da banda Olho Seco), a banda já havia participado das coletâneas como: *Sub* e *Começo do fim mundo*, mas esse álbum marcaria tanto a trajetória da banda como os rumos do movimento no Brasil logo de início por ser a primeira banda Punk da América do Sul a lançar um álbum solo.

Com uma sonoridade que impressionou a época, sem dúvida que letras das músicas como: *Caos*, *Agressão / repressão*, *Sistema de protesto* e a música que dá título ao álbum, *Crucificados pelo sistema*, retratam como as pressões de um Estado – ainda sob controle militar - poderia levar o indivíduo à morte. Morte essa que viria de forma lenta, como no processo de crucificação, e nessa perspectiva ser Punk era o meio de resistir às pressões para se manter vivo nesse sistema. Para retratar melhor tal questão, a

³⁴ O *sucesso* desse disco fez com que a banda, no ano de 2000, relançasse esse mesmo disco em comemoração aos 20 anos da banda, mas com o nome de *Sistemados pelo Crucifa*.

capa do disco mostra um Punk com uma bandeira com o símbolo da paz e sentado sob um capacete (símbolo dos militares que ainda estavam no poder político no Brasil) evitando ser *crucificado pelo sistema*. A morte aqui viria como um meio de ruir o movimento Punk – que em 1984, época do lançamento do disco – já estava passando por uma crise devido a drogas, brigas de gangues, policiamento ideológico do próprio movimento entre outras questões... É interessante perceber que o segundo álbum do Ratos de Porão (*Descanse em paz*) liga-se a crise do movimento Punk e uma ruptura sonora com o disco anterior (onde a partir daí eles seriam chamados pelos *Punks mais ortodoxos de traidores do movimento*³⁵), mas ainda utilizando-se da temática crítica de resistência ao sistema e a constante preocupação com a morte.

Através desse breve texto, espero poder levantar algumas questões, ao se pensar uma nova releitura sobre o imaginário que perpassa no movimento Punk brasileiro com a temática da morte. Finalizo esse trabalho com a letra da música *Morrer* da banda Ratos de Porão, do disco *Crucificados pelo sistema*:

O mundo morreu o ódio venceu
 O que é que eu vou fazer?
 Doenças fardadas a paz mutilada
 Eu vim para viver
 Tenho medo do presente
 Tenho medo do futuro
 E de tudo que nos cerca
 Sigo meu caminho
 Meu caminho é morrer!

Morrer! (2x).

Nessa breve letra, existem termos que além de demonstrar a preocupação com a morte, também tem uma visão plural de fatos constituidores da morte, no sentido de que alguns termos, tais como, ódio, doenças e medo (do presente e do futuro) relatam as diversas formas nas quais a morte pode chegar e se manifestar.

Mesmo tendo-se uma consciência de que a morte é algo inevitável, o medo de morrer é algo que aflige o ser humano desde sempre, mas que algumas formas de morte podem ser mais (e na realidade são mesmo) mais agressivas e que outras formas – no

³⁵ O fato da banda Ratos de Porão ser considerada por muitos Punks como *traidores do movimento*, é justamente porque a partir do segundo disco da banda (*Descanse em Paz*), trazia nas fotos do encarte os integrantes da banda com um visual com camisas de bandas de Metal e a sonoridade da banda estar mais próxima do Metal do que do Punk/Hardcore. Somado a isso o fato também de tocarem com bandas de Metal e algumas brigas dos integrantes da banda com alguns Punks, que acabou por “denegrir” o Ratos de Porão dentro do cenário Punk, que gera discussões, no movimento, até os dias atuais.

movimento Punk, de uma maneira geral, a forma mais agressiva da morte seria pela Guerra. Seja uma Guerra nuclear, religiosa, territorial, étnica ou qualquer outra, para os Punks a guerra é algo inaceitável, e a morte deveria ser advinda por meios naturais e nunca “adiantada” por recursos desenvolvidos pela *humanidade*.

Referências Bibliográficas

- ALEXANDRE, Ricardo. *Punk*. São Paulo: Abril, 2004. (Coleção Para Saber Mais, v.30).
- HURCHALLA, George. *Going Underground: American Punk 1979–1992*. [S.I.]: Zuo Press, 2005.
- O’HARA, Greig. *A filosofia do punk – mais que barulho*. São Paulo: Radical livros, 2005.
- OLIVEIRA, Antônio Carlos de. *Os fanzines contam uma história sobre Punks*. Rio de Janeiro: Achiamé, 2006.
- SCHMITT, Jean-Claude. Corpo e alma, In: LE GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean-Claude. *Dicionário temático do ocidente medieval*. São Paulo: Edusc, 2002.
- SINKER, Daniel. *Não devemos nada a você*. [S.I.]: Edições Ideal, 2008.

Luiz Eduardo de Jesus Fleury

Graduado em História (UFG), mestrando em História pela Universidade Federal de Goiás. Professor do Instituto Federal Goiano de Educação – Campus Ceres (IFGoiano-Ceres) e militante do movimento Punk/Hardcore desde os anos 90.
Email: luiz.fleury@ifgoiano.edu.br.